

“ACERTE PRIMEIRO, ACERTE COM FORÇA, SEM COMPAIXÃO”: UMA ANÁLISE INTERPRETATIVA DA (RE)CONSTRUÇÃO DE PARADIGMAS EM COBRA KAI

“Strike first, strike hard, no mercy”: an interpretive analysis about (re)constructed paradigms in Cobra Kai

Michely Gomes Avelar
Universidade de São Paulo (USP)
michelyavelar@usp.br

Resumo: Este artigo busca refletir sobre novas formas de ver e agir no mundo, mesmo quando nossas experiências estão tão relacionadas a práticas e discursos com os quais queremos romper. Considerando as concepções de Paulo Freire (2021, 2018, 1993) e bell hooks (2013) sobre a educação autêntica e libertadora, proponho problematizar as práticas de Johnny Lawrence, enquanto sensei, na série Cobra Kai, a fim de compreender como a reflexão sobre suas experiências anteriores – como aluno – e as novas demandas de seus alunos impactam em uma nova forma de ensinar/aprender e de repensar paradigmas. Pretendo com isto, propiciar reflexões para uma formação docente crítica e atenta às demandas da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Novos paradigmas. Educação autêntica. Educação libertadora.

Abstract: This article aims to reflect on new ways of seeing and acting in the world, even when our experiences are so closely related to practices and discourses that we want/need to break with. According to the conceptions of Paulo Freire (2021, 2018, 1993) and bell hooks (2013) in terms of authentic education as a practice of freedom, I propose to problematize the practices and experiences of Johnny Lawrence, as sensei, in Cobra Kai series, in order to understand how the reflection on his previous student experiences and the new demands of his current students impact on a new way of teaching/learning and of rethinking paradigms. My intention, with this, is to provide reflections for a critical teacher education that is attentive to the demands of contemporary society.

Keywords: New paradigms. Authentic education. Education as a practice of freedom.

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

E vi pela primeira vez que pode haver, e geralmente há, uma certa dor envolvida no abandono das velhas formas de pensar e saber e no aprendizado de outras formas. (hooks, 2013, p. 61)

Mudar a forma como pensamos é um processo, muitas vezes lento e doloroso pois, como nos diz hooks no excerto acima, envolve “abandonar velhas formas” e ao mesmo tempo “aprender outras formas”. Não acontece de uma hora para outra, é necessário transgredir e

romper com os velhos paradigmas constituídos por nossas experiências de vida, pelos discursos que ouvimos e por nossas relações sociais. Muitas delas nos foram “ensinadas”, seja pela observação dos nossos familiares, amigos, professores, mídia, seja por meio dos discursos binários - isto é certo, isto é errado - que nos ditavam como ser/fazer/pensar. Sendo assim, não é fácil transgredir, principalmente quando as práticas estão arraigadas ao nosso modo de viver/ser. Transgredir requer: questionar, repensar e modificar nossas práticas.

Como professores, é importante repensar a educação e buscar uma pedagogia engajada que, nos dizeres de hooks (2013, p. 21) considera que “cada sala de aula é diferente, que as estratégias têm de ser constantemente modificadas, inventadas e reconceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino”. Isto porque cada sala é composta por alunos plurais, de diferentes culturas, e que trazem consigo demandas diferentes. A autora acrescenta ainda que

“[p]ara lecionar em comunidades diversas, precisamos mudar não só os nossos paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos, falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela” (hooks, 2013, p.22).

A sociedade está em constante transformação, assim, é primordial que essas mudanças sejam consideradas também na educação, possibilitando que a escola esteja conectada à realidade e ao contexto dos alunos e da sociedade de modo geral, e desafie o pensamento crítico, com visões e pontos de vista sobre o mundo e sobre a realidade (Freire, 1998). Pensando nisto e nas novas formas de ver e agir no mundo, mesmo quando nossas experiências estão relacionadas a práticas e discursos com os quais queremos romper, é que proponho problematizar as práticas de Johnny Lawrence, enquanto *sensei*, na série Cobra Kai, a fim de compreender como a reflexão sobre experiências anteriores – como aluno – e as novas demandas de seus alunos impactam em uma nova forma de ensinar/aprender e de repensar paradigmas.

A série Cobra Kai, baseada na trilogia do final dos anos 80 e início dos anos 90 Karatê Kid, conta a história de Johnny Lawrence nos dias atuais e sua busca por uma mudança de vida. A série inicia destacando o fracasso de Johnny que mora sozinho, não tem amigos, enfrenta dificuldades financeiras, problemas de alcoolismo e mal relacionamento com o filho. No decorrer dos episódios, são preenchidas as lacunas sobre sua história e suas escolhas. Mostra ainda que sua mudança de vida é motivada por Miguel, seu vizinho. Tudo começa quando, ao ver Miguel, um adolescente tímido e que sofria bullying na escola, sendo agredido por um

grupo de adolescentes, ele o defende usando técnicas de caratê. A partir daí, Miguel consegue convencê-lo de o ajudar ensinando o caratê e, então, Johnny decide reabrir o *dojo*. E nesse papel de professor/*sensei* Johnny inicia o seu processo de (re)construção de paradigmas.

Para hooks (2013, p.18), “[m]uitas vezes, antes de começar o processo, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala”. Assim, embora, na série, a relação professor/aluno extrapola a sala de aula, neste caso um *dojo*, o que podemos inferir é que há uma descentralização do ensino, sendo construída, no decorrer dos episódios, uma educação autêntica ao passo que o professor considera a voz do aluno e também aprende com ele. O processo de aprendizagem se desloca, pois ora o professor ensina o aluno, ora o aluno ensina o professor. Vale destacar que esse processo é construído à medida em que o professor repensa suas práticas e reflete sobre aquilo que o aluno traz para o *dojo*.

Essa possibilidade de aprender com o outro por meio do diálogo, da troca de experiências e reflexões, é o que Freire (2018, p.116) chama de educação autêntica, ou seja, aquela que acontece “de A com B, mediatizados pelo mundo”. Desta forma, entendemos que a educação é construída e compartilhada entre os sujeitos que aprendem entre si. O autor afirma ainda que a base do conteúdo programático da educação se constitui das “visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam tem os significativos” (Freire, 2018, p. 116).

A proposta de educação defendida por Freire (2021, 2018, 1993) e hooks (2013), autêntica, transgressora e libertadora, exige que o docente saiba escutar atenta e criticamente o seu aluno, para que então ele possa falar com o seu aluno, um falar não impositivo, mas dialogado e que possibilite que um aprenda com o outro. Ensinar exige a disponibilidade do sujeito para uma relação dialógica, pautada na abertura para troca de experiências, na consciência de que somos sujeitos inacabados e no respeito à autonomia e à identidade dos educandos (Freire, 2021). Atentos a tais exigências, é possível a prática de uma pedagogia engajada, libertadora e emancipadora.

A educação como prática libertadora tem o compromisso de promover as vozes dos sujeitos e encorajá-los, reconhecendo as multiculturalidades, além de não reforçar os sistemas de dominação existentes. As discussões sobre educação multicultural, questões de identidade, raça e gênero muitas vezes não fazem parte do currículo na formação de professores, como consequência isto reflete nas práticas docentes e podem despertar o receio de abordar tais temas. hooks (2013, p. 52) reforça que “[é] preciso instituir locais de formação onde os

professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula e o currículo multiculturais”.

Este artigo discute sobre o processo de (re)construção de paradigmas a partir de uma análise interpretativa dos episódios da série Cobra Kai, observando o personagem Johnny Lawrence. Foram considerados também trechos dos filmes da trilogia Karatê Kid no intuito de compreender sua relação com o caratê, suas experiências como aluno e com a filosofia “Acerte primeiro, acerte com força, sem compaixão”. A análise é interpretativa porque considera as análises realizadas por esta pesquisadora. Para isto, o artigo se divide em 3 partes, sendo a primeira para contextualizar a série Cobra Kai e apresentar Johnny Lawrence; a segunda contendo problematizações sobre mudanças de paradigma a partir das experiências de Johnny Lawrence como *sensei* dialogadas com as reflexões de Freire e hooks; e a terceira para trazer algumas considerações para uma emancipação social e crítica na educação. Opto por não escrever uma parte exclusivamente teórica por compreender a importância da teoria e prática dialogadas e construídas conjuntamente, ou seja, por meio de praxiologias¹.

A SÉRIE COBRA KAI

Cobra Kai é uma série baseada na trilogia dos anos 80 Karatê Kid, no entanto, enquanto a trilogia tem o foco em contar a história de Daniel Larusso, a série mostra a história de John Lawrence, o seu rival, e eles participavam de *dojôs* com filosofias diferentes, enquanto os ensinamentos do Senhor Miyagi eram baseados na autodefesa, no Cobra Kai Dojô, o mestre John Kreese ensinava o caratê numa filosofia baseada em “Acerte primeiro, acerte com força, sem compaixão” focado no combate e ataque. John Lawrence foi aluno do Cobra Kai que lhe ensinou a ser um valentão cujo foco era vencer, não importava como.

A série conta com 50 episódios distribuídos em 5 temporadas e retrata a vida de Johnny Lawrence mais de 30 anos depois dos acontecimentos da trilogia Karatê Kid, passando por dificuldades financeiras, emprego ruim, problemas com alcoolismo, divorciado e com um filho com quem não tem um bom relacionamento. Seu principal oponente no caratê, Daniel Larusso, ao contrário, é um empresário bem-sucedido, casado e tem dois filhos. Johnny parecia já ter aceitado seu estilo de vida quando vê seu vizinho, Miguel Diaz, sofrendo bullying e sendo

¹ Freitas e Avelar (2021, p.93) explicam “praxiologias como aquilo que fazemos, imbuída do que somos e pensamos: as nossas escolhas como professoras estão cheias de nós e refletem o que pensamos, o que e como fazemos; também são construídas pela nossa cultura e pelos elementos que a constituem, como nossa percepção do mundo, do lugar onde vivemos, dos valores, das experiências”.

agredido fisicamente por um grupo de adolescentes. Diante disto, Lawrence reage às agressões defendendo Miguel que após isto passa a admirá-lo. Miguel insiste que ele o ensine caratê. Johnny, considerando não ter nada a perder e vendo seu principal oponente da adolescência se destacando nos comerciais de tv, percebe a possibilidade de obter renda e decide abrir seu *dojo* de caratê. Nessa proposta, ele se propõe a ensinar seguindo o método que lhe foi ensinado, ou seja, o caratê em que os mais fracos aprendem a ser temidos e a enfrentar os valentões. Durante o processo de ensinar, Johnny vivencia muitos outros aprendizados com seus alunos, em especial, com Miguel. É relevante dizer que os alunos foram atraídos ao *dojo* por pensarem no caratê como um meio de se defender e pela possibilidade de ser popular, assim, a maioria daqueles que procuraram o Cobra Kai eram pessoas que sofriam bullying por serem considerados fracos ou esquisitos.

No decorrer da série são apresentados *flashbacks* sobre quem é Johnny Lawrence. Assim, foi possível identificar que ele foi criado por sua mãe Laura, era uma criança solitária e com problemas de comportamento na escola. Durante sua infância, sua mãe casou-se com Sid, um homem rico que embora cuidasse financeiramente da família, era abusivo e lhe proferia frequentemente insultos. Aos doze anos encontrou refúgio no Cobra Kai, vendo em John Kreese, seu *sensei*, uma referência. Foi um dos melhores alunos do *dojo*. Após o torneio de All Valey, em 1984, Johnny abandonou o caratê. Serviu a força aérea, mas foi expulso por má conduta. Teve problemas com alcoolismo e passava por grandes dificuldades financeiras. Em 2002 perdeu sua mãe e desolado foi para o bar em frente ao hospital onde Shannon, com quem tinha um relacionamento e que também tinha problemas com alcoolismo, estava em trabalho de parto. Embriagado, não acompanhou o nascimento de seu filho Robby. Johnny foi um pai ausente e nunca teve um bom relacionamento com o filho. Sentia-se e era visto por muitos como fracassado. Antes de abrir seu *dojo* trabalhava numa empresa de prestação de serviços fazendo pequenos reparos e reformas em casas.

NOVOS OLHARES, NOVOS PARADIGMAS

Ao assistir a série Cobra Kai, pude perceber analogias em relação à docência, especialmente em relação às mudanças de paradigma de Johnny, a sua proposta de reabrir o *dojo* e de ensinar aos outros o caratê como uma proposta de enfrentar e resolver certas dificuldades. É possível perceber que ele vê no caratê uma forma de lutar e se defender de

outras pessoas que venham lhe fazer mal, mas ao mesmo tempo seu discurso está impregnado de suas experiências que se contrapõe a ideia de defesa, como quando diz a Miguel:

Eu vou ser o seu sensei. **Vou te ensinar o estilo de caratê que me ensinaram, um método de luta que sua geração de fracotes precisa muito.** Não vou apenas ensinar como superar os seus medos, vou ensinar a despertar a cobra que há em você, e quando fizer isso, você será temido, você ficará mais forte, vai aprender disciplina. E quando chegar a hora você, vai encontrar a Kai. (Lawrence, Johnny. Cobra Kai, Temporada 1, Episódio 1 - grifo nosso)

Pelo trecho destacado, notamos que a proposta de Johnny é ensinar caratê para saber defender e superar os medos, porém para isto é preciso ser forte e temido, ao contrário será apenas um frangote, um oprimido. Para ele ou se é oprimido ou se é o opressor e isto acontece, como relatada, por ser aquilo que lhe foi ensinado, ou se bate ou se apanha. Freire (1998, p.43) destaca que “[o] grande problema está em como poderão os oprimidos, que ‘hospedam’ o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da sua libertação”. O autor acrescenta que estes só poderão se libertar ao passo que descubrem que estão hospedando o opressor neles mesmos.

Embora Johnny compreenda que o Cobra Kai tenha sido uma filosofia importante para o seu desenvolvimento, a partir da convivência com Miguel e das suas experiências ensinando caratê, ele vai percebendo que algumas atitudes de seu *sensei* àquela época em que era ainda aluno, não são condizentes com o que acredita e com as demandas socioculturais atuais. hooks (2013) afirma que a maioria das pessoas aprende a ensinar imitando o modelo de ensino que tem como noção uma única norma de pensar e de experiência, entretanto, “as pessoas têm necessidade de mudar de paradigma e precisam de um contexto onde deem voz a seus medos, onde falem sobre o que estão fazendo, como estão fazendo e por que” (hooks, 2013, p.54), assim, as experiências de Johnny vão provocando novos olhares para sua praxiologias no ensino do caratê. Apesar de perceber a necessidade de mudar, a mudança de paradigma e de atitude não acontecem imediatamente, é um processo e um desafio que leva tempo.

A proposta de ensinar caratê, embora tenha sido com a intenção de ajudar Miguel a se defender, ainda vem impregnada de um discurso que reforça atitudes discriminatórias e violentas. Em uma conversa entre Johnny e Miguel é possível perceber tais discursos:

Johnny: Não treinamos pra ter compaixão. **Compaixão é pra fracos.** Aqui, na rua, numa competição... se um cara te confronta, ele é o inimigo. Um inimigo não merece compaixão. Qual é o seu problema sr. Diaz?

Miguel: Nenhum problema sensei. Você me bateu e eu tenho asma, então...

(Johnny joga o inalador de Miguel na parede)

Johnny: Não tem mais. **Não permitimos fraqueza** neste dojô. Deixe sua asma, sua alergia a amendoim e todas as **besteiras inventadas** do lado de fora. Entendido?

Miguel: Entendido, só que são problemas médicos, de verdade... Sim sensei, entendido!

Johnny: Cobra Kai não é apenas caratê. É um modo de vida. Aprenda a primeira lição. Acertar primeiro é o passo inicial pra vitória. É tipo quando você tá numa festa e vê uma gatinha.

Miguel: Sei.

Johnny: Você não espera outro cara falar com ela primeiro, não é?

Miguel: Olha só, sensei... eu nunca fui numa festa, então...

Johnny: Que surpresa, escuta! Acertar primeiro é ser agressivo. **Se não for agressivo, vão te chamar de mulherzinha e você não quer ser mulherzinha, você quer ser um homem!**

Miguel: Não acha que isso aí é machismo?

Johnny: O que?

Miguel: Ah! Desculpa! Não acha que está sendo machista, sensei?

Johnny: Não. Do que você está falando?

Miguel: Ah! O meu orientador diz que certas palavras perpetuam uma visão de mundo sexista, que...

Johnny: Quietos! A partir de agora não vai mais ouvir o seu orientador, vai me ouvir, entendido!

(Cobra Kai, Temporada 1, Episódio 2 – grifo meu)

Considerando o discurso de Johnny, é possível perceber atitudes discriminatórias com base no gênero, onde ser mulher é ser fraca e inferior. Assim, para ter sucesso no caratê é preciso ser forte e agressivo que são, nesta perspectiva, características do gênero masculino. Ao ser questionado, Johnny silencia seu aluno, evocando sua autoridade enquanto *sensei*, como mostra a figura 1, porém, é possível perceber, em leitura de seus gestos e expressões que tais questionamentos provocaram inquietações.

Figura 1 - Aula No Dojô Cobra Kai



Fonte: print episódio 2, temporada 1, série Cobra Kai - 3'41''

Na situação apresentada, o *sensei*, como educador, não soube como proceder, então silenciou o seu aluno e a problemática apontada por ele, e seguiu com o que já havia planejado.

Muitas vezes, enquanto professores temos atitudes semelhantes por não saber como proceder ou por pensarmos no professor como o detentor de todo o conhecimento. Neste sentido, Freire (2021, p.57) acrescenta que “é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida”, ou seja, em nossa prática relevante nos reconhecer como sujeitos inacabados e em formação contínua. Como educadores, é importante saber ouvir os alunos de modo a considerar as demandas socioculturais que emergem no espaço escolar, sendo que “questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje” (Candau, 2008, p.16).

hooks (2013, p.) relata que independente da tendência política dos professores, eles “dão sinais graves de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento”, ou seja, quando há demanda das complexidades muitos professores se desestabilizam. Contudo, essa aparente perturbação possibilita o (re)pensar e comprometer com a transformação da sua realidade e de suas práticas.

No último episódio da primeira temporada o Cobra Kai disputa o Torneio Regional de caratê sub-18, sendo a luta final entre Miguel e Robin. Robin, que é filho de Johnny e aluno de Daniel Larusso, em luta anterior com outro aluno do dojô, teve o ombro ferido, deixando-o em desvantagem para a luta final. Miguel percebe e conta ao *sensei* que descobriu a fraqueza de seu oponente. Tal situação resgatou na memória de Johnny sua última luta, no torneio de artes marciais de All Valey, em 1984, na qual seu oponente Daniel Larusso havia recebido um golpe ilegal na perna que o prejudicou para a luta final. Na ocasião, seu *sensei* ordenou que lutasse “sem compaixão” e acertasse na perna do oponente. Mesmo tendo agido em atendimento às ordens de seu *sensei*, Johnny perdeu o torneio, mas aprendeu como lição o respeito pelo oponente, parabenizando-o pela luta e reconhecendo sua vitória. Contudo, tal atitude não foi bem recebida pelo seu *sensei* que, como mostra na figura 2, reagiu com agressividade, expulsou-o da equipe dizendo que ele era um perdedor e que o segundo lugar de nada serviria.

Figura 2 - Johnny Lawrence Pós Torneio 1984

Fonte: print da cena de Caratê Kid II

As lembranças de suas experiências fizeram com que Johnny repensasse suas próprias práticas de ensino, principalmente quanto à terceira regra do Cobra Kai – sem compaixão. Neste sentido conversa com Miguel antes da luta em observância à terceira regra:

Miguel: Sensei, encontrei a fraqueza dele, é no ombro!

Johnny: Escute, eu sei que a gente quer ganhar, mas tem que ser do jeito certo. Não vamos jogar sujo.

Miguel: Sujo? **Não tem nada sujo em ganhar**, sensei. **Você ensinou isso**. Deixa comigo. Ele já era! **Sem compaixão**.

(Cobra Kai, Temporada 1, Episódio 10 - grifo meu)

Apesar de ter compreendido que “ser compaixão” não estava adequado ao que queria ensinar aos seus alunos, seu discurso incisivo nas aulas foi o que prevaleceu para Miguel. Assim, mesmo seu aluno tendo vencido a luta, sentiu-se derrotado por perceber estar repetindo as mesmas velhas práticas e para reverter tal situação decide rever suas práticas de ensino. Deste modo, no episódio 1 da segunda temporada, o sensei reúne a turma e questiona o que seus alunos fizeram durante o campeonato, como vemos no diálogo abaixo:

Johnny: Diaz, Falcão, na frente! Falcão, acertou o seu oponente pelas costas?

Eli: Sim, sensei.

Johnny: Diaz, acertou de propósito a lesão do seu oponente?

Miguel: Sim, sensei.

Johnny: Acham que são durões por isto? O que foi: Foi uma pergunta difícil? Vocês precisam de ajuda! Sr. Robinson...

Aisha: Sim, sensei.

Johnny: Duas cobras na selva, uma mata um leão mais forte, a outra mata um macaco aleijado. Que cobra quer ser?

Aisha: A que mata o leão, sensei.

Johnny: Tá, e por quê?

Aisha: Porque matou o animal mais forte.

Johnny: Correto! **O Cobra Kai é sobre ser durão. E o mais durão é aquele que acerta o oponente quando ele está em forma**. Não quando ele está de costas ou quando está machucado. Vocês entenderam?

Todos os alunos: Sim, sensei.
 Johnny: Chega de trapaça. Chega de jogar sujo. **A partir de agora estes são atos covardes, e vocês não querem ser covardes.** Querem?
 Todos os alunos: Não, sensei.
 Johnny: Então vamos recomeçar! Vamos usar faixas brancas.

Fonte: Cobra Kai, Temporada 2, Episódio 1 - parte 2 (grifo nosso)

Com base no diálogo, percebemos uma mudança de paradigma, propiciando que Johnny pudesse refletir sobre como ensinava seus alunos e como essa forma de ensinar poderia produzir resultados negativos. Então ele repensa sobre o sentido de “ser durão” que não é mais aquele que age sem compaixão, mas aquele que age de forma justa, respeitando o seu oponente. Após, Miguel, em conversa particular, questionou a atitude do *sensei* alegando que ele os ensinou a vencer a qualquer custo. A isto, Johnny responde que talvez ainda esteja aprendendo como ensinar (figura 3) e que já pagou o preço por não ter aprendido a diferença entre compaixão e honra.

Figura 3 - Sensei Johnny Lawrence



Fonte: print do episódio 1, parte 2, temporada 2, série Cobra Kai - 20'32''

Para Freire (2018, p. 108) “[e]xistir, humanamente, é *pronunciar* no mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo pronunciar”. Assim é, muitas vezes nas nossas salas de aula, quando refletimos criticamente sobre nossas experiências e reelaboramos nossas propostas de ensino para que nossos alunos tenham outras possibilidades, ou seja, repensamos a partir de nossos erros e acertos e nos pronunciamos de uma nova maneira. Entretanto, para que aconteçam as mudanças é necessária uma mudança de paradigma, para não repetirmos as mesmas velhas práticas. Neste sentido, o próximo tópico trará algumas considerações sobre mudanças de paradigmas e suas contribuições para uma emancipação social e crítica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos. (Freire, 1998, p.48)

Superar e romper paradigmas é uma forma de se libertar. Porém, como afirma Freire, é um doloroso parto porque muitas vezes temos crenças limitantes e limitadores, porque fomos “educados” para ouvir sem questionamentos aquilo que nos foi dito, porém deste parto nasce um novo sujeito. Na série Cobra Kai é possível observar como esse processo foi longo para Johnny Lawrence, e que, na verdade, é um processo inacabável, já que constantemente é relevante repensar nossas práticas a partir das nossas experiências.

A cada episódio da série pode possível perceber construções de novos paradigmas. A filosofia do seu *dojo* “Acerte primeiro, acerte com força, sem compaixão” foi ressignificada a partir das ações e das reflexões de Johnny, da escuta atenta aos alunos, do repensar sobre as suas próprias experiências e do entender-se como um sujeito inacabado, em formação.

A partir de uma análise interpretativa de Johnny como um professor, como alguém que ensina e conseqüentemente aprende enquanto ensina, pode perceber que o pensar crítico possibilita que os sujeitos se conscientizem da situação e do contexto em que estão inseridos para que possam então transgredir sobre esta realidade. Porém, muitas vezes estamos acorrentados às velhas práticas construídas a partir das experiências que tivemos durante nossa formação pessoal e pedagógica, uma vez que, como afirma hooks (2013, p.51) “a maioria de nós frequentamos escolas onde o ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal”. As experiências construídas enquanto éramos ainda alunos ou àquelas construídas durante nossa formação profissional podem/poderão influenciar no tipo de docente que somos/seremos. Desta forma, as reflexões críticas repetir nos oportunizam aproveitar as práticas que consideramos positivas ou repensar aquelas que nos foram negativas.

Outra questão que pode perceber sobre Johnny se relaciona ao fato de que embora algumas vezes ele pareça ignorar algumas observações de Miguel, ele as ouve, reflete, repensa e então traz para sua prática, ou seja, reconhece a horizontalidade do ensino-aprendizagem, destacando que professor e aluno aprendem e ensinam simultaneamente. Esse processo foi possível “reinventando-se a si mesmo, experimentando ou sofrendo a tensa relação entre o que herda e o que recebe ou adquire do contexto social que cria e que o recria, que o ser humano

veio se tornando este ser que, para ser, tem de estar sendo” (Freire, 1993, p.35). Destaco que a problematização das práticas e experiências de Johnny Lawrency como *sensei* por meio de análises interpretativas foram realizadas no intuito de investigar e discutir o processo de mudança de paradigma mostrando que nem sempre é um caminho fácil. Não pretendi, com isso, analisar as experiências do ponto de vista do certo ou do errado ou indicar um modelo a ser seguido, mas trazer reflexões que indicam a relevância de se questionar parcialidades, ouvir um ao outro, propiciar espaços para criticidade. hooks (2013, p.192) afirma que “mesmo aqueles entre nós que fazem experiências com práticas pedagógicas progressistas tem medo de mudar”, principalmente por receio às críticas negativas. Entretanto, para educar com liberdade é importante enfrentar esses medos e propiciar aos alunos uma educação autêntica com espaço para o diálogo e a troca de experiências.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COBRA Kai [Seriado]. **Temporada 1**. Criação Josh Heald, Jon Hurwitz, Hayden Schlossberg. Estados Unidos: Netflix, 2019.

COBRA Kai [Seriado]. **Temporada 2**. Criação Josh Heald, Jon Hurwitz, Hayden Schlossberg. Estados Unidos: Netflix, 2020.

COBRA Kai [Seriado]. **Temporada 3**. Criação Josh Heald, Jon Hurwitz, Hayden Schlossberg. Estados Unidos: Netflix, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 67ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 65ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREITAS, Carla Conti de; AVELAR, Michely Gomes. Leitura do e no mundo digital: multiletramentos na formação de professores de línguas. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVA, Kleber Aparecido; FREITAS, Carla Conti de. **Praxiologias do Brasil Central sobre educação linguística crítica**. 1ª ed. São Paulo: Pá de Palavra, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KARATÊ Kid. Direção de John G. Avidsen. Estados Unidos, 1984. Netflix

KARATÊ Kid II - a hora da verdade continua. Direção de John G. Avidsen. Estados Unidos, 1986. Netflix.

SOBRE A AUTORA

MICHELY GOMES AVELAR

Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo. Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás - POSLLI/UEG (2019); Graduada em Letras: Português, Inglês e respectivas Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2012) e Pedagogia pela Faculdade Ibra de Brasília (2021).

<http://lattes.cnpq.br/3317771278922803>